

revista

PRIMAX

eletrônica

OBRAS DE GUIDO BILHARINHO

ARTE E CULTURA

EDIÇÃO EM PORTUGUÊS

UBERABA/BRASIL

NOVEMBRO-DEZEMBRO 2022

ANO II

Nº 21

EDITOR

GUIDO BILHARINHO

EDITORIAÇÃO ELETRÔNICA

GABRIELA RESENDE FREIRE

PRIMAX 21

SUMÁRIO

EDIÇÃO EM PORTUGUÊS

QUESTÕES

Crítica Literária X Indústria do Entretenimento 5

LITERATURA

A Relevância de Artur Lobo

No Cárcere (1901) 8

CINEMA

Filmes de F. W. Murnau

A Última Gargalhada (1924) 12

Fausto (1926) 17

FICÇÃO

O Assassino 21

POESIA

Paisagem 25

REPERCUSSÃO DA REVISTA *DIMENSÃO*

Correspondência/Brasil – 1987 e 1988 26

INDICAÇÕES

Lançamento

Diário de Uberaba – Vol. II 44

Livros Eletrônicos Sobre Uberaba 45

Blogs Culturais 46

ESTE E NÚMEROS ANTERIORES NO BLOG

<https://revistaprimax.blogspot.com/>

E-MAILS

guidobilharinho@hotmail.com

revistaprimax@gmail.com

“A ARTE É UMA CONFISSÃO DE QUE A VIDA NÃO BASTA” – FERNANDO PESSOA

APRESENTAÇÃO

Questões

Crítica Literária X Indústria do Entretenimento

A campanha promovida na década de 1950 pelos adeptos do *new criticism*, entre eles, no Brasil, principalmente por Afrânio Coutinho, de restringir a crítica literária aos cursos de letras facilitou o domínio da indústria do entretenimento na imprensa e em outros meios de comunicação.

Literatura

A Relevância de Artur Lobo

Análise da novela *No Cárcere* desse autor, realçando seus méritos narrativos e estilísticos e a alta e aguda sensibilidade por ele demonstrada.

Cinema

Filmes de Murnau

O cineasta alemão F. W. Murnau, de ativa e notável presença no cinema da década de 1920, tem analisados mais dois de seus significativos filmes.

Repercussão da Revista *Dimensão*

À medida do lançamento dos números de *Dimensão*, multiplicaram-se as manifestações de escritores e professores, que, conquanto referenciadas à revista, também espelham o estado da percepção literária à época.

Nova Periodicidade de *Primax*

Por motivo da edição, a partir de fevereiro de 2023, de nova revista cultural eletrônica, *Primax* tem, a partir deste número, sua periodicidade alterada de mensal para bimensal.

ANEXO

Primax: Sumário dos Vinte Primeiros Números

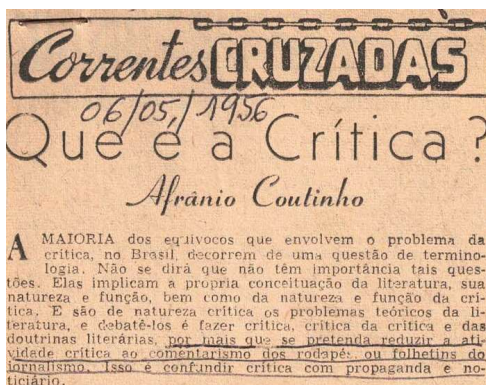
Acompanha o presente número levantamento completo, pelos respectivos títulos e seções, da matéria publicada nos números anteriores.

AUTORIZAÇÃO

Publicação ou reprodução de textos desta revista, no original ou em tradução, mediante autorização.

Questões

CRÍTICA LITERÁRIA X INDÚSTRIA DO ENTRETENIMENTO



O ensaísta brasileiro Afrânio Coutinho, em quem se reconhece a grande sabedoria, o idealismo e os bons propósitos, cometeu equívoco na esteira de tese preconizada pelos divulgadores ianques do *new criticism* literário, ao propugnar pela eliminação da crítica literária nos jornais e seu recolhimento às lides e publicações acadêmicas, afirmando, por exemplo, que “o rodapé semanal não mais comporta, em nosso tempo, a alta crítica” (in “Que é a Crítica?”, *Diário de Notícias – Suplemento Literário*, coluna “Correntes Cruzadas”, Rio de Janeiro, 06 maio 1956) “o rodapé semanal só comporta o review [“comentário, noticiário de livros do momento”], e não a crítica” (in “Achismo Crítico”, idem, idem, 27 maio 1956).

Nisso, sem querer e sem saber, facilitou a tarefa da indústria do entretenimento, impropriamente denominada por Adorno de “indústria cultural”, terminologia usada e repetida *ad nauseam* por articulistas de jornais editados nos municípios de São Paulo

e do Rio de Janeiro, que, por sinal, até hoje ainda denominam os estadunidenses ou ianques de “americanos”, quando americanos somos todos nós, os nascidos do Alasca à Terra do Fogo.

É que a indústria do entretenimento, criada, desenvolvida e impulsionada nos quadros do consumismo imposto à sociedade, ao visar uniformizar o gosto e estandardizar as vontades e preferências, alija, discrimina e isola automaticamente o saber, o conhecimento, a autonomia e independência individuais e, com eles e elas, a arte, a ciência, a criatividade, a inventividade e a singularidade.

A razão desse procedimento reside na circunstância, não só relevante quanto fundamental, da lucratividade e do expansionismo capitalista.

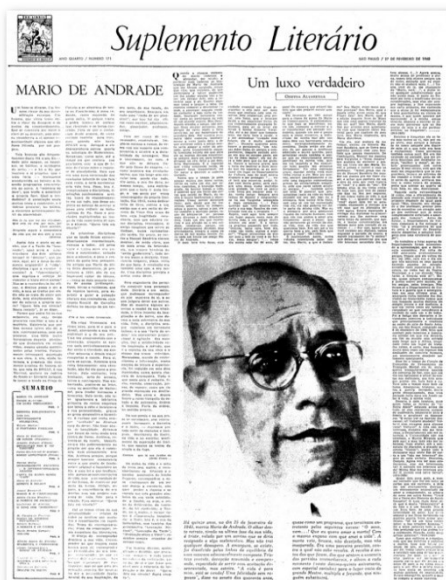
Esses objetivos só se alcançam, no atual estágio do desenvolvimento, numa economia de escala, em que a produção e o consumo de milhares e milhões de artefatos de qualquer produto rebaixa o preço unitário, gerando grandes índices de lucratividade.



Para a consecução desse desiderato, e desse contingenciamento indústriocomercial, é indispensável, por intermédio dos meios de comunicação - cada vez mais sofisticados - introjetar na sociedade, também por todos os outros canais possíveis, entre eles o ensino, a uniformização (e nivelação por baixo) do gosto, transformando o cidadão em

consumidor cada vez mais passivo dos milhões de anódinos produtos da indústria do entretenimento.

Assim, ao propugnar Afrânio Coutinho pelo recolhimento



(e encolhimento) da crítica literária às quatro paredes dos cursos de letras, sem querer colaborou e de certo modo apressou no Brasil, nessa área, o processo de isolamento e ilhamento da cultura na sociedade contemporânea (que, aliás, mais cedo ou mais tarde, viria de qualquer modo), já que em seu tempo não se

poderia imaginar os desdobramentos desse processo tão insidioso quanto maléfico, visto impedir ao leitor de jornais e revistas ter acesso às opiniões, impressões (também elas, por que não?), análises e juízos avaliativos dos sucessores de críticos e ensaístas brasileiros como José Veríssimo, Araripe Júnior, Tristão de Ataíde, Agripino Grieco, Álvaro Lins, Franklin de Oliveira e Augusto Méier, dentre outros que pontificaram na imprensa e, por último, mas como figura isolada, Wilson Martins, recentemente falecido.

Em seu lugar, entronizou-se o estupificador jornalismo de espetáculos.

(do livro eletrônico *Questões do Nosso Tempo*, abril 2018)

Literatura

A Relevância de Artur Lobo

NO CÁRCERE

O Tema e as Circunstâncias



Artur Lobo (Montes Claros, 1869-1901), autor das novelas *O Outro* (1901) e *No Cárcere* (1901), editadas pela Academia Brasileira de Letras em 2012 e eletronicamente pela Amazon, é também autor de livros de poesia e de outras obras de ficção.

Tanto em *O Outro* quanto em *No Cárcere*, Lobo estrutura e desenvolve seu relato sobre o depoimento dos respectivos protagonistas, naquele com ligeira interferência de sua esposa e, neste, sem participação de nenhuma outra personagem.

Constituem, pois, monólogos escritos, porém, com base em situações totalmente diversas.

Em *O Outro*, conforme exposto em artigo a seu respeito, trata-se do fenômeno da duplicidade patológica da personalidade. Aliás, a nosso ver, nesse caso toda duplicidade é

patológica, já que a personalidade é una e não dúplice ou fragmentária.

Em *No Cárcere*, como o título indica, abordam-se as reações carcerárias de preso político, partido e repartido entre as agruras do confinamento, a impossibilidade de convivência e assistência familiar e as impressões advindas da visualização, conquanto parca, do movimento de rua e praça circundantes à prisão.

Esse o tema e as circunstâncias. Tanto um quanto outras atingem alto nível concepcional e elaborativo por força de fraseologia direta e objetiva, alicerçada em aguda sensibilidade, compondo, instituindo e constituindo a plenitude da linguagem brasileira moderna.

Nem só, porém, destaca-se na obra a desenvoltura narracional. Tanto quanto ela salienta-se a referida sensibilidade do autor, que a unindo à inteligência vivaz, produz uma das obras marcantes da literatura brasileira.

As considerações expendidas pelo protagonista paralelizam-se com a fluência narrativa para estabelecer crescente e envolvente expectativa sobre seu destino, emparedado entre as grades da prisão e o completo desconhecimento do intuito dos encarceradores.

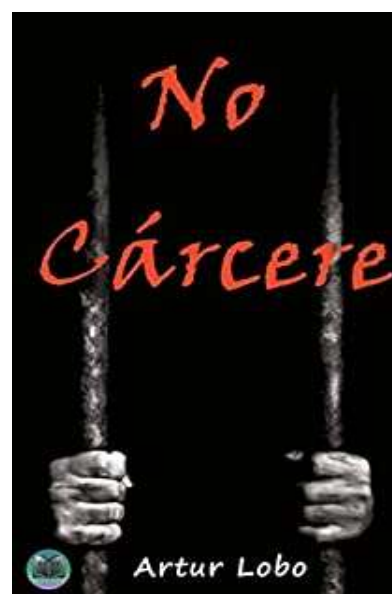
Não obstante irreveladas as razões desencadeadoras do conflito e do aprisionamento do protagonista, a motivação política que os promovem é, ao que tudo indica e ao que se sabe, inédita na temática da ficção brasileira até então.

Conquanto novela de completa inteireza ficcional, com igual e elevado nível conceptivo e elaborativo a perpassando do início ao fim, dois de seus nove capítulos destacam-se por singulares características e atributos artísticos.

Nesse caso, o quarto capítulo pela poetização e o oitavo pelo profundo sentido humanístico, fator inédito até aí na ficção brasileira.

*

Conquanto isso, tais obras e tal autor permaneceram marginalizados na literatura brasileira, razão que levou o escritor Antônio Carlos Secchin em 2012, quando à frente do setor editorial da Academia Brasileira de Letras, a reeditar tais novelas, bem como a obras de outros autores também relegados ao olvido editorial.



Circunstância que reside na distorção implantada e implementada no decurso da produção artística brasileira pela concentração e hipertrofia das atividades culturais do país inicialmente apenas no Rio de Janeiro, estendida depois a São Paulo, tornadas hegemônicas, excludentes e marginalizadoras, refletindo-se direta e ainda persistentemente na editoração de livros, organização de antologias e focalização de nossa produção artística, restritas todas quase só à produção do eixo Rio-São Paulo. A partir da década de 1950 multiplicou-se nos Estados produção intelectual relevante, que, sob pena de parcialidade,

incompetência e falta de disposição de se efetuarem pesquisas e estudos, não pode mais ser excluída, como ainda vem sendo, de antologias e histórias literárias, por isso, só pretensamente nacionais.

(Inédito)

Cinema

Filmes de F. W. Murnau

A ÚLTIMA GARGALHADA

Maldade e Hipocrisia

Enquanto se processavam no cinema europeu, na década de 1920, as tendências vanguardista, radicalmente abstracionista (Léger, Dulac, René Clair, Alberto Cavalcanti, Walter Ruttmann, Man Ray, Duchamp, etc.), documentarista e enfatizadora da montagem (Dziga Vertov, Walter Ruttmann), realista-social e também valorizadora do processo de montagem (Eisenstein), e, ainda, a expressionista (Robert Wiene, Lang, Galeen e outros), Friedrich Wilhelm Murnau realiza *A Última Gargalhada* (Der Letzte Mann, Alemanha, 1924), de corte humano-realista, postando-se como poderoso antecessor e antecipador do neorrealismo italiano ou elo entre o realismo italiano dos anos 10 e aquela tendência, da segunda metade da década de 1940.



MURNAU

Assistindo-se ao filme de Murnau difícil não se recordar de *Umberto D* (idem, Itália, 1951), de Vittorio de Sica, no que representam, ambos, o drama de velhos trabalhadores

marginalizados do processo produtivo, não obstante em diversa contextualização.

À evidência que a titulação brasileira do filme não corresponde ao eixo central de sua problemática, adequadamente refletida na denominação original, significando “O Último Homem”.

É que o protagonista sente-se o mais ínfimo, perdido e desolado dos seres humanos ao ser rebaixado da função simples que exercia, mas da qual se orgulhava.

A par de sua significação social, o filme revela, ainda, o substrato psicológico e emocional da personagem.

Em seu restrito, porém, articulado e pleno mundo, o protagonista era feliz, orgulhoso e poderoso dentro de típico e vistoso fardamento, impando de satisfação.

Depois de seu lar, nada lhe era mais importante.

A proficiência artística de Murnau patenteia-se na perícia e acuidade com que cria o microcosmo dramático em torno da situação do protagonista, unindo concepção e expressão, conteúdo e forma, significado e linguagem, e plasmando, com vigor, autenticidade e beleza, uma das mais sérias manifestações da natureza humana nos limites e perspectivas da classe trabalhadora.

Se a pequena burguesia é pendular, carecendo de eixo próprio, já que oprimida entre o operariado e a burguesia (algodão entre diamantes, como diz Marx), e lutando para não ser uma coisa (operária) e almejando ser outra (burguesa), tanto aquela como esta conformam-se em sua condição dentro de

redoma ideológica específica em que se situam. Não se pensa o mesmo num palácio e numa cabana, lembra Proudhon.

Por isso, o protagonista envaidecia-se e comprazia-se em sua atividade ao exercitar seu pequeno poder de porteiro simultaneamente com a ostentação de aparatoso uniforme. Se para os elementos das classes média e burguesa tal serviço é de ínfima categoria, para ele (e os seus) apresenta-se de modo inverso, visto que se esvai nele (e neles) sua máxima possibilidade pessoal.

Ao lhe ser retirada a muleta existencial seguida da extrema humilhação da designação para atendente de sanitários, esfacela-se-lhe a campânula protetora.

A narrativa seria simples, linear e sem surpresas e criatividade, se Murnau se limitasse a focalizar a ocorrência fática e não trabalhasse, como faz, suas consequências psicológicas e sociais, somatizando-as. Primeiro, ao fixar a relevância da função para o protagonista, seus familiares e vizinhos, respectivamente no plano íntimo da personagem e no segmento social a que pertence, destacando expressões, gestos e atitudes, ou seja, toda a gama de exteriorização possível. Depois, por revelar o desabamento desse pequeno cosmos também em seus registros subjetivos e objetivos, substituindo a satisfação da personagem por desolação e alterando o tratamento, antes receptivo e festivo que recebia de seu meio familiar e social, transmudado na repulsão do primeiro e no escárnio maldoso e invejoso no último.

Nesse ponto, encontra-se a matriz (ou uma delas) da cena de Fritz Lang das comadres cacarejando, em *Fúria* (Fury, EE.UU., 1936).



Esse processo íntimo e social é plasmado por Murnau passo a passo, fotograma por fotograma, cena a cena, em ampla focalização fotográfica e amplitude imagética, do que resulta documento humano e obra de arte na qual o cineasta escreve com a câmera (como almejava fazer Antonioni), ao dispensar, a não ser num momento antes da reviravolta final da estória, até mesmo as legendas que caracterizam o filme mudo.

Por sua vez, ao retirar a personagem do fundo do poço em que a jogaram em consequência de fato fortuito, conquanto não necessitasse fazê-lo e até não devesse, Murnau ainda mais escarmenta a sociedade com a denúncia de sua hipocrisia, falsidade e larvar interesse material como antes fizera ao ressaltar sua maldade e desumanidade.

No polos de opostas situações expõem-se aspectos da constituição humana independentemente da perquirição de sua causalidade, que certamente não se resume a uma, mas, integra complexo feixe de motivações da ação simultânea, desde os condicionamentos econômico-sociais aos específicos dessa condição.

(do livro físico *Clássicos do Cinema Mudo*, 2003)

FAUSTO

Síntese Artística

O período mais fecundo e de maior criatividade do cinema concentra-se na década de 1920, quando o som (que não é um mal) ainda estava ausente das realizações cinematográficas.

Se a sonorização, como posteriormente a cor, representam conquistas naturais (e almeçadas) incorporadas à captação da imagem em movimento, não é menos verdade que após o surgimento da primeira desorganizaram-se as propostas essencialmente artísticas e vanguardistas do cinema. O novo invento assenhoreou-se das preocupações e da prática cinematográfica, constituindo-se no eixo em torno do qual passaram a girar os filmes.



Não foi, pois, sem certa razão que muitos dos mais brilhantes cineastas de então o repudiaram, conquanto por motivos errados. Se era (e foi) notável conquista técnica que veio ampliar o poder e

o raio de ação do cinema, seu uso (e abuso) resultou no maior predomínio do espetáculo sobre a arte, do tema sobre a forma. Se antes esta destacava-se ou, quando menos, havia, na teoria e na práxis (dos grandes cineastas soviéticos, por exemplo) equilíbrio entre conteúdo e forma, após o advento do som prevaleceu o oposto, soterrando a vanguarda, a criatividade e a experimentação.

Com isso e por isso, mesmo com o posterior aparecimento de grandes cineastas e filmes, nunca mais o cinema teve tão grande concentração de obras de arte em tão curto período do que na referida década. Dela emergiram obras-primas, possíveis de serem vistas e revistas por meio da ampliação das possibilidades tecnológicas de reprodução e distribuição de filmes.

Um dos filmes mais brilhantes do período em questão é *Fausto* (Faust, Alemanha, 1926), de F. W. Murnau.

Com base no primeiro drama homônimo de Goethe, de 1806, Murnau engrandece tema já de si grandioso na concepção e na realização goetheana.

Não obstante esteja o filme umbilicalmente ligado ao texto original em sua trama e no sentido que encerra, Murnau imprime-lhe feição cinematográfica autônoma, criando, por intermédio dos pressupostos de outra arte também nova obra de arte, erigida sobre fundamentos específicos, em que a visualidade recria e expõe a concepção verbalizada.

Nem todo filme calcado em obra literária atinge tal patamar de realização, não passando a maioria deles de simples ilustração imagética da estória literária, utilizada como mero pretexto.

Não com Murnau e seu *Fausto*, tão relevante em imagem quanto sua fonte em palavra.

Em tudo, desde a disposição geral aos pormenores mais insignificantes, o *Fausto* fílmico constitui obra de arte. A começar pelos *décors*, de inspiração expressionista, em que ora alternam-se ora paralelizam-se criações pictóricas e estruturas arquitetônicas, cuja plasticidade impressiona pelo arrojo inventivo, a ponto de rivalizar em presença e importância com a fabulação de que constituem palco.

Raramente se tem, em cinema, sucessão tão vasta quanto variada de imagens de tal riqueza formal, que, transcendendo seus limites materiais, integram o conjunto fílmico também como conteúdo do drama que nele se desenvolve.



A força do filme assenta-se, pois, na tríplice coalisão de *forma* (*décors* e sua visualização imagética de angulações e enquadramentos artísticos), de *conteúdo* (o drama humano e sua representação) e na *integração* artística desses dois elementos, de tal modo e com tal intensidade, que de sua conjunção resulta síntese perfeita na obra pronta e acabada, constituída de um só corpo, de unidade e contextura indissociáveis.

Ao drama, na generalizada simbologia do significado da aspiração humana que contém, balizado entre pureza, ambição, amor e desvario, ajuntam-se, pois, em igual nível de criatividade, os elementos indispensáveis da arte cinematográfica.

A maior parte dos *décors* de interior e de exterior e das locações paisagísticas perfazem, em cada tomada, obras plásticas autônomas e destacáveis, simultaneamente inseridas no abrangente contexto fílmico, permitindo sua apreciação tanto em si mesmas quanto agrupadas. Um dos ideais da arte, escassamente alcançado posteriormente no cinema falado.

(do livro físico *Clássicos do Cinema Mudo*, 2003; e do livro eletrônico *Obras-Primas do Cinema Europeu*, dezembro 2018)

Ficção

O ASSASSINO

O olhar perpassa o ambiente. Senta-se. Espera. Todos estão tomados pela perplexidade. Ninguém alvitra o acontecido. O corpo, estirado, não denuncia motivo e autor. Apenas, consequência: morte. Por sinal, há autor? Crime ou acidente? Mas, Júlio sabe. O autor e a causa. E nada pode fazer. O assassino, tranquilo, sentado. Observa e aguarda. Certo da impunidade. A maldade no olhar. O cinismo no semblante. Um perigo constante.

A serraria para. Toda complexa teia de afazeres, paralisada. A polícia chega. As investigações começam, prosseguem. Acidente, a conclusão. Mas, Júlio sabe. Sua intranquilidade e revolta crescem. E não dá para apontar, acusar, desmascarar. Não há prova, só certeza. Palavra contra palavra. Acusação contra negativa. Nada mais. Sabe, ainda, que é um dos visados.

O corpo liberado. Entregue à família. As investigações concluídas. A vida retoma seu ritmo.

A serraria não será mais a mesma. Para o assassino, com a maldade desencadeada. Para Júlio, principalmente. Além da impossibilidade da acusação, o perigo, a ameaça.

O assassino vagueia pelo ambiente no cumprimento de obrigações funcionais. Mas, na espreita. Com a perversidade na alma. Nos olhos, a malícia.

Nada poderá impedi-lo de reincidir. Júlio precavam-se e vigia. Inútil. Uma semana depois, outra morte. Afogamento no rio, às margens da serraria. Conclusão: acidente. O assassino exultante. Júlio, sabe e sofre.

O assassino também sabe do que Júlio tem como certo. E rodeia. Articula.

Júlio nada mais pode fazer do que se precaver e vigiar. Já não consegue prestar atenção ao trabalho. A revolta e o receio dominam tudo. A custo tira as vistas do assassino. A serraria movimenta suas engrenagens. As toras chegam, pelo rio e em caminhões. As tábuas se amontoam nos depósitos. Os trabalhadores inquietos, sem saber o que aconteceu. O que está acontecendo. O que poderá acontecer. O proprietário, azafamado, tenta restabelecer a rotina harmônica de antes. Porém, perplexo, inquieto, temeroso pelo andamento do negócio.

O assassino ronda. Perspicaz. A maldade na face. E só Júlio sabe, mas sem saber evitar. Sem poder se abrir com outros, tal o conceito do assassino e toda sua falta de prova. Só a certeza, a verdade. Que não bastam. Não têm força. E o assassino continua. Júlio cada vez mais indignado e temeroso. Mais pelos outros do que por si. Ou por igual. Os dias rolam. Todos no afã do costume. Porém intranquilos. Mas, só Júlio sabe. Só Júlio teme. Só Júlio de atalaia. Os outros, perplexos, porém, desavisados. O assassino, tranquilo, maquina, delicia-se com a situação, o

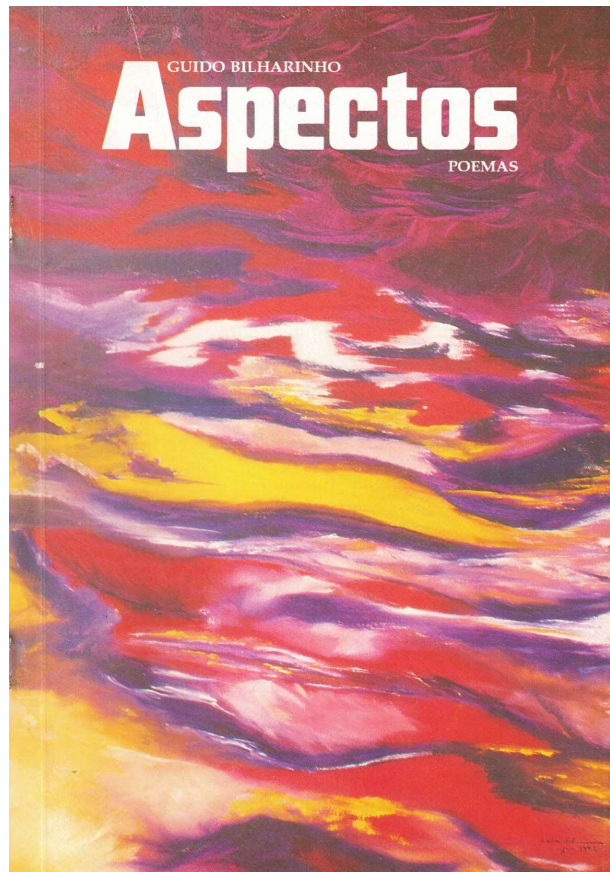
“clima”, a expectativa. Tocaia. Júlio definha na preocupação, no desassossego, sem saber o que fazer, embora atento. Mas, só.

Daí, depois de mais alguns dias, outro corpo boia entre as toras, no rio. Instaura-se o pânico. Ninguém mais tem sossego. Nem a polícia. A certeza de crime estabelece-se. Os trabalhos suspensos. As investigações. Os interrogatórios. Intermináveis. Tensos. Para todos. Uns, querem saber, precisam saber. Outros, sob suspeita. Todos sob suspeita. Júlio, torturado, impossibilitado, obliterado. Pior. Sabe que, mais dia menos dia, será sua vez. E, depois, o silêncio. Como antes. Como agora. Não adianta vigiar. O assassino sabe. E escolhe momento propício.

A ameaça cresce. Júlio tenta pegar o assassino. E, também, procura dele escapar.

Como?

(do livro eletrônico *Acontecimentos*, narrativas, julho 2020)



Poesia

paisagem

a árvore vér
tice no pasto

às cismas do
vento jaraguás

o morro na claridade

nuvens de som
bras o horizonte

ares de pássa
ros gotas de
luz sol e sal

as pastagens gado
nas águas dos ares

da terra ru
gas aroei
ras de pedra

(do livro físico *Aspectos*, poemas, 1992)

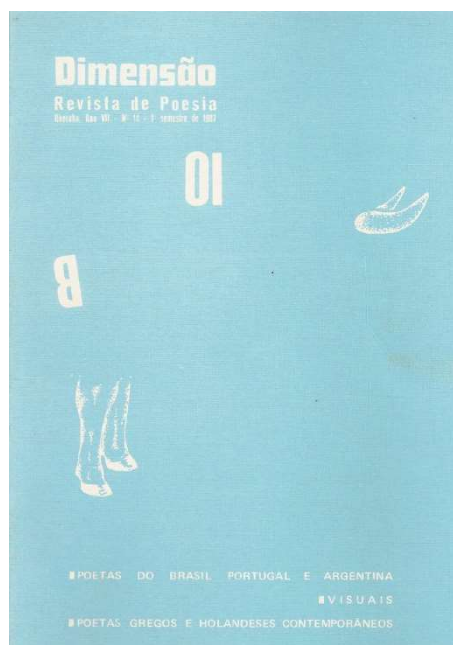
Repercussão de Dimensão

Correspondência/Brasil

ANOS DE 1987 E 1988

1987

“Em seu sexto ano, Dimensão já ganhou expressiva dimensão no mar-amargo do fazer (arte) neste brazilzim de sonho e senho. Cumprimentos pelo grande espírito de resistência e, principalmente, pelo alargamento cultural do recente número com poetas de outros quadrantes de América Latina e Oropa.”



(CARLOS NASCIMENTO, Itapipoca/CE, 09 janeiro 1987)

“Foi com imensa satisfação que pude ter em mãos um exemplar desta digníssima revista, enquanto todos estão vetando a publicação do novo autor, vocês que fazem esta revista estão criando espaço para a nova geração que escreve.”

Quando o amigo e colega Gênes me falou da revista, não pensei que fosse tão magnífica.”

(MARIA FERREIRA DOS SANTOS, Crato/CE, 12 janeiro 1987)

“Tenho recebido regularmente Dimensão. Parabéns pelo nível que mantém.”

(ALCIDES WERK, Manaus/AM, 15 janeiro 1987)

“Dimensão faz uma proeza incrível. Surge, a cada vez, melhor. A revista está uma potência.”

(ARICI CURVELO, Niterói/RJ, 23 janeiro 1987)

“Acuso o recebimento desta enriquecedora revista de poesia Dimensão, que não ainda não a li toda, mas é de meu completo agrado.”

(ADILSON LUÍS DE OLIVEIRA FILHO, Cataguases/MG, 26 janeiro 1987)

“Precisamos de Dimensão, eu e meus alunos. Já ouvi mil elogios. Parabéns.”

(UILCON PEREIRA, Marília/SP, 27 janeiro 1987)

“Parabéns, mais uma vez, e tomara continuem este trabalho que sempre admirei. Sei como é difícil manter ao longo do tempo um projeto como este, exigente e profissional [...] Enviem dez exemplares (anexo cheque correspondente) para presente a meus amigos escritores, jornalistas e

professores (Unicamp/PUCC). Tenho certeza de que eles gostarão muito.”

(REGINA FERNANDES NOVO, Campinas/SP, 31 janeiro 1987)

“A revista passou dos limites: é, como eu disse no Taturana, a melhor em matéria de poesia, no Brasil. Pena que não saia, ao menos, bimestralmente.”

(CLÁUDIO FELDMAN, Santo André/SP, janeiro 1987)

“Recebemos Dimensão 11. Linda a revista. Publicação em alto estilo, pela forma e pelo conteúdo.”

(CLÓVIS ASSUNÇÃO, Bagé/RS, janeiro 1987)

“Dimensão está uma beleza. Parabéns pelo excelente trabalho.”

(IVONE VEBBER, Caxias do Sul/RS, 01 fevereiro 1987)

“Quanto ao nível da revista, não precisamos dizer que o mesmo é simplesmente ótimo, porque Dimensão, depois de todos estes anos, tem um nome que não necessita mais de notas ou exames.”

(NEWTON LUÍS FAGUNDES, Lajeado/RS, 05 fevereiro 1987)

“A revista é bela e sólida e, com dois firmes passos por ano, muito há de avançar.”

(EUSTÁQUIO GORGONE DE OLIVEIRA,
Caxambu/MG, 7 fevereiro 1987)

“Cumprimentos pelo excelente nível da publicação.”

(MARISA FILLET BUELONI, Piracicaba/SP, 09
fevereiro 1987)

“A revista é uma beleza, de alto nível literário.”

(MARISA FILLET BUELONI, Piracicaba/SP, 17
fevereiro 1987)

“Desta vez, com 12/13, você conseguiu realizar um feito quase impossível: superar-se. Revista perfeita, em todas as dimensões: gráfica, qualidade dos textos, seleção das traduções, radicalidade geral do seu projeto cultural, internacionalismo. Você está de parabéns, nós estamos de parabéns: algo dribla a geleia que nos afoga hoje.”

(UILCON PEREIRA, Marília/SP, 06 março 1987)

“A Dimensão continua abalando. Que qualidade! [...] É a vitória da poesia.”

(ANTÔNIO JÚNIOR, Itabuna/BA, 10 março 1987)

“Louvo à nossa Dimensão, tão bem editada.”

(OLGA SAVARI, Rio de Janeiro/RJ, 13 março de 1987)

“Li e, acima de tudo, reli a Dimensão. Excelente revista de poesia. A constatação não foi só minha, mas de todo grupo do Jornal da Terra.”

(PAULO CÉSAR WILL, São José/SC, 18 março 1987)

“A Dimensão, nº 12/13, está ótima [...] A revista honra Uberaba, dignifica a nossa Minas e, principalmente, projeta o Brasil.”

(ARI ROCHA, Belo Horizonte/MG, 20 março 1987)

“Parabéns pelo excelente trabalho. Foi um prazer muito grande ler tão primoroso trabalho, não é sempre que temos em mãos uma revista especializada em poesia tão bem cuidada.”

(R. LEONTINO FILHO, Aracati/CE, 02 abril 1987)

“Estou impressionado com a qualidade de Dimensão. De repente, fico sabendo que em algum lugar deste país existe uma revista de poesia dessa dimensão (o trocadilho é proposital). Li de uma ponta a outra, curtindo cada página.”

(NIRTON VENÂNCIO, Brasília/DF, 08 abril 1987)

“Dimensão já está sendo considerada uma das melhores revistas de poesia do país.”

(ARICI CURVELO, Niterói/RJ, 13 abril 1987)

“Aqui em Belém tive a oportunidade de comprar um exemplar da revista Dimensão e louvo-os por um trabalho maravilhoso que a revista mostra.”

(J. SILVA, Belém/PA, 15 abril 1987)

“Já adquiri a revista que achei de excelente qualidade.”

(CLÉRIO JOSÉ BORGES, Carapina/ES, 08 maio 1987)

“O nº 12/13 de Dimensão está excelente, como sempre.”

(ALCIDES WERK, Manaus/AM, maio 1987)

“É bom saber que Dimensão está à venda nas grandes livrarias de São Paulo. É bem impressa, uma diagramação que nos envolve para a leitura, suave. Textos bem selecionados. Adorei.”

(ROSANI ABOU ADAL, São Paulo/SP, 06 julho 1987)

“Recebi o exemplar duplo da Dimensão, uma das melhores revistas de poesia do Brasil, com projeção internacional.”

(LUÍS LIMA BARREIROS, Belém/PA, 05 agosto 1897)

“Cumprimento-o pela qualidade de Dimensão, revista que li e releio sempre. De todos os trabalhos alternativos que conheço e recebo em casa, poucas têm a abrangência e beleza de sua revista.”

(ANTÔNIO DONIZETI PIRES, São Joaquim da Barra/SP, 21 setembro 1987)

“Estive, durante algum tempo, solicitando exemplares de revistas literárias e, com prazer, conheci Dimensão que elegi como a melhor [...] Pedi-lhe todos os exemplares porque, em minha modesta opinião, creio estarem fadados à História

Literária de nossa terra, face à cuidadosa seleção e elaboração da revista.”

(ELISA DE LACERDA, 25 setembro 1987)

“Parabéns pelo padrão da literatura que vocês nos oferecem nela [na revista] e pelo excelente material da mesma.”

(MILA RAMOS, Joinville/SC, 25 setembro 1987)

“Dimensão é uma das duas melhores revistas de poesia do Brasil, ao lado de Código, de Salvador.”

(MARCOS DE CARVALHO, Alfenas/MG, 28 outubro 1987)

“Parabéns pela persistência e qualidade.”

(NEIDE ARCANJO, Rio de Janeiro/RJ, 26 outubro 1987)

“Agradecendo a publicação de nossos poemas na Dimensão, que tem um significado especial para nós, além de sua qualidade: foi a primeira publicação literária séria com a qual nos defrontamos há quatro anos, ao iniciar nosso trabalho.”

(ELOÉSIO PAULO DOS REIS, Alfenas/MG, 29 outubro 1987)

“Gostaria de poder transmitir-lhes a minha alegria ao conhecer a revista Dimensão, pois para mim é um trabalho

inédito e até agora não me recuperei do êxtase que me provocou a revista.”

(OTÁVIO DAMASCENO MACIEL, Natal/RN, outubro 1987)

“Acabo de receber a revista Dimensão 14, realmente é uma excelente trabalho poético, a qualidade gráfica é primorosa, os poemas são fascinantes.”

(R. LEONTINO FILHO, Aracati/CE, 03 novembro 1987)

“Recebidos os exemplares de Dimensão. Pena que o espaço em branco não houvesse sido organizado para inclusão de mais poemas.”

(JOSÉ PAULO, São Paulo/SP, 03 novembro 1987)

“Agradeço-lhe Dimensão, que sempre está mantendo o nível de qualidade, num trabalho que reúne muito do melhor da poesia de todo mundo.”

(MÁRCIO ALMEIDA, Belo Horizonte/MG, 09 novembro 1987)

“O Departamento de Letras da Universidade Federal de Uberlândia/Brasil publica a revista semestral Letras & Letras, tendo interesse em estabelecer intercâmbio com V. S^a.”

(MARIA CÉLIA CENCE LOPES,
Uberlândia/Triângulo, 10 novembro 1987)

“Muito me alegra em conhecer esta maravilhosa revista sobre poesias.”

(ARNALDO RODRIGUES MENECOZI,
Aquidauana/MS, 11 novembro 1987)

“Parabéns calorosos pela publicação do nº 14 de Dimensão, que é dos mais interessantes e a respeito do qual é indispensável lançar em relevo a parte de traduções.”

(ABGAR RENAULT, Rio de Janeiro/RJ, 12 novembro 1987)

“Acho que você tem um preparo físico invejável para a tarefa de editor solitário da revista. Ela está merecendo já, pela assiduidade com que surge no cenário, uma boa oportunidade de se tornar experimental a cada número.”

(TONICO MERCADOR, Belo Horizonte/MG, 14 novembro 1987)

“Recebi pelo reembolso Dimensão nº 14 e gostaria de externar-lhe o quanto a acho interessante e parabenizá-lo por ser ela uma revista poética de alto nível.”

(PEDRO ANDRÉ DE SOUSA JÚNIOR, Juiz de Fora/MG, 20 novembro 1987)

“Recebi Dimensão nº 14, boa, muito boa mesmo. Cada vez com matéria mais categorizada.”

(CLEONICE RAINHO, Juiz de Fora/MG, 28 novembro 1987)

“Espero que Dimensão continue com aquele critério e beleza gráfica que lhe são peculiares. Digo isto porque não adquiri (ainda) o último número.”

(ERORCI SANTANA, São Paulo/SP, 03 dezembro 1987)

“Tive a grata felicidade de adquirir o número 14 da revista Dimensão e não poderia deixar de externar as minhas impressões: que belo e excelente trabalho!”

(JOSÉ CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE RIBEIRO DIAS - J. CARDIAS, Rio de Janeiro/RJ, 22 dezembro 1987)

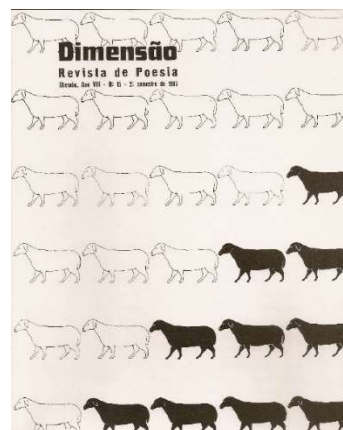
“Recebi o último número de Dimensão e vejo satisfeito que melhora a cada número e já é uma publicação com personalidade própria. Uma referência obrigatória quando se falar em poesia e tradução de poesia no Brasil.”

(EDSON NEGROMONTE, Jundiaí/SP, dezembro 1987)

1988

“A revista cresceu bastante. Sinal de sua boa aceitação. Dimensão está entre as melhores revistas de poesia no país.”

(ARICI CURVELO, Niterói/RJ, 28 fevereiro 1988)



“Acuso o recebimento do nº 12/13 da Dimensão, sem dúvida, a melhor revista literária brasileira nos últimos tempos, pelo alto nível dos trabalhos publicados.”

(ANTÔNIO BARRETO, Belo Horizonte/MG, 08 junho 1988)

“Sua qualidade [de Dimensão] está acima de simples elogios, ela é a sua própria propaganda. Estou certo que você tem plena consciência do belo e imprescindível trabalho que realiza e que não deve ser interrompido para o bem da cultura que tanto carece de atenção e iniciativas modernas.”

(JOSÉ VÁLTER BONFIM RIOS, Salvador/BA, 08 julho 1988)

“Aos amigos de Dimensão - Cabe-me o prazer de homenageá-los pelo belíssimo trabalho que realizam na publicação de Dimensão.”

(CLÉRIO JOSÉ BORGES, Carapina/ES, 12 julho 1988)

“Há tempos não recebo nenhum exemplar desta revista tão exemplar que se chama Dimensão, onde se trata e se aborda assuntos que estão no núcleo da coisa literária, poesia, tradução, crítica, ensaísmo, etc., com uma leveza de ser e consciência estética pouco comum aqui nos trópicos.”

(MARCOS DE FARIAS COSTA, Maceió/AL, 21 julho 1988)

“Por acaso, veio ter às minhas mãos um exemplar da revista Dimensão, a qual desconhecia, e fiquei francamente encantado com o trabalho que vocês vêm desenvolvendo.”

(CARLOS VERÇOSA, Salvador/BA, julho 1988)

“Recebi o exemplar da revista Dimensão nº 15 solicitado por mim. Achei o maior barato! Não preciso dizer mais referente à reunião de poesias de colegas daqui do Brasil e exterior. É fantástico!”

(MARIA GOMES CAMPELO, Teresina/PI, 03 agosto 1988)

“Parabéns pela beleza da edição nº 15. Depois de folheá-la não tenho nenhuma dúvida de que meu trabalho sairá legal.”

(RAIDER, Ribeirão Preto/SP, 05 agosto 1988)

“Acuso o recebimento da cada dia mais surpreendente e excelente Dimensão”.

(HUGO PONTES, Poços de Caldas/MG, 08 agosto 1988)

“Recebi mais uma vez a sua bem cuidada revista. É realmente bonito ver esse trabalho de lucidez e de resistência.”

(ALCIDES BUSS, Florianópolis/SC, 08 agosto 1988)

“Constatarei ser Dimensão [...] uma grande revista poética.”

(PAULO CÉSAR WILL, São José/SC, 11 agosto 1988)

“Acabo de receber a Dimensão nº 15, como sempre impecável.”

(LUÍS FAFAU, Goiânia/GO, 15 agosto 1988)

“É com alegria que vejo, a cada número, alargarem os horizontes da revista como no nº 15 em que há uma seção de poetas portugueses contemporâneos.”

(CARLOS ALBERTO MARQUES DOS REIS, Belo Horizonte/MG, 17 agosto 1988)

“Recebi Dimensão nº 15. Um primor de publicação [...] uma impressão moderna, realmente digna de elogios.”

(HERMES PEIXOTO SANTOS FILHO, Cruz das Almas/BA, 18 agosto 1988)

“A revista Dimensão é um autêntico porta-voz dos escritores brasileiros, merecendo ser prestigiada por todos aqueles que apreciam a boa literatura.”

(CLÉRIO JOSÉ BORGES, Carapina/ES, 19 agosto 1988)

“O interesse nela manifestado [carta remetida anteriormente] e que aqui reitero é quanto a possibilidade de assinar a fabulosa Dimensão.”

(JOSÉ SALES NETO, Brasília/DF, 24 agosto 1988)

“Dimensão é uma bela revista de poesia, pena que só saia duas vezes por ano.”

(MARCOS DE FARIAS COSTA, Maceió/AL, 24 agosto 1988)

“Só agora respondo a sua cativante gentileza, remetendo-me a excelente Dimensão 15, agradecendo-lhe pelo maravilhoso presente e parabenizando-lhe pela perfeição em seu trabalho, pelo acurado senso artístico - sua visão poética é profundíssima e encanta qualquer leitor - a revista Dimensão retrata fielmente a verdadeira vocação poética do novo, independentemente de nacionalidade.”

(R. LEONTINO FILHO, Aracati/CE, 28 agosto 1988)

“Excelente revista literária.”

(JOEL ROGÉRIO FURTADO, Florianópolis/SC, 30 agosto 1988)

“Fiquei encantado com a revista e imagino que, no Brasil hoje, nem de perto exista nada parecido [...] De forma que, se alguém perguntar o que se publica em matéria de periódico poético no pátrio território hoje em dia, ora, pois, publica-se a Dimensão.”

(SEBASTIÃO NUNES, Sabará/MG, 31 agosto 1988)

“Agradeço a remessa de Dimensão, revista que me agradou bastante, pela variada matéria e superior apresentação.”

(VASCO JOSÉ TABORDA, Curitiba/PR, agosto 1988)

“A qualidade editorial da revista, aliada ao bom nível dos autores em si, fazem de Dimensão um dos mais importantes espaços culturais do país.”

(EMÍLIO C. MARIOTO, Taubaté/SP, agosto 1988)

“Dimensão está linda e eu aprendo sempre com ela.”

(RUTE DOS REIS, Magé/RJ, 07 setembro 1988)

“Recebemos a revista de poesia nº 15, de excelente qualidade, que vai do papel ao conteúdo.”

(MARIA BETÂNIA DE SANTANA, Recife/PE, 12 setembro 1988)

“É sempre uma alegria receber uma publicação tão bem cuidada, de tão excelente nível.”

(MARISA FILLET BUELONI, Piracicaba/SP, 13 setembro 1988)

“O número 12/13 pra mim foi uma grande surpresa pois colocou uma variedade de poetas e traduções. Destaco Rimbaud e suas duas traduções. Foi para mim simplesmente maravilhoso. Enfim, em geral desde a 1ª até a última página, Dimensão 12/13 merece o título de melhor revista de poesia.”

(PAULO CÉSAR WILL, São José/SC, 18 setembro 1988)

“Dimensão nº 15 está ótima. Adorei.”

(ROSANI ABOU ADAL, São Paulo/SP, 21 setembro 1988)

“Parabéns pela qualidade, rara, da sua revista.”

(LUÍS LAZZA, Guaxupé/MG, setembro 1988)

“Recebi dois números de Dimensão. Que coisa boa [...] Como é possível fazer e imprimir uma revista nos horizontes de Uberaba? [...] Encanto, Dimensão circulando no/pelo exterior.”

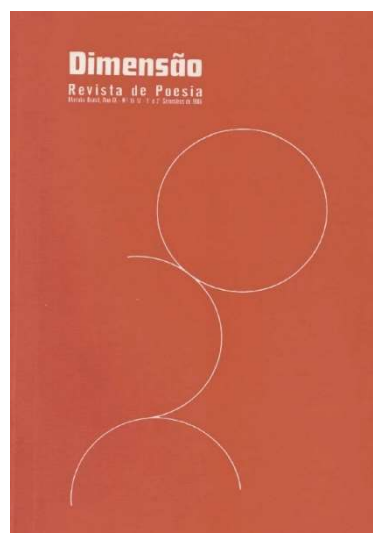
(CLÓVIS BRIGAGÃO, Rio de Janeiro/RJ, 04 outubro 1988)

“Enviamos-lhes exemplar(es) de nossa revista Educação e Filosofia [...] Gostaríamos, assim, de iniciar intercâmbio com sua publicação, o que, para nós, é de grande interesse.”

(MARILZA ABRAÃO PIRES RESENDE, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia/Triângulo, 07 outubro 1988)

“O empreendimento tem sido feliz tanto no conteúdo quanto na apresentação visual. Dignifica, valoriza, sobrealça o artefato poético e legitima os melhores nomes da poesia contemporânea.”

(ERORCI SANTANA, São Paulo/SP, 24 outubro 1988)



“Estou, por aqui, divulgando seu trabalho sério. Há que se criar espaços para a literatura, e mais, para a poesia. E você o faz.”

(HILMA PEREIRA RANAURO, Rio de Janeiro/RJ, 08 novembro 1988)

“Quanto à revista, infelizmente, não é o gênero de que gosto. Tenho lido sobre este movimento de vanguarda, mas francamente, meu conceito é outro. Pertencço à “Velha Guarda”. Parece-me que esta poesia não passará à posteridade. Será sempre elitista e se limitará a grupos restritos de intelectuais. Para mim, poesia precisa da voz, da audição, do olhar e de outros requisitos. Pode ser decorada, declamada, saboreada no íntimo.”

(IRMÃ DOMITILA RIBEIRO BORGES,
Uberaba/Triângulo, 22 dezembro 1988)

“Bela e pujante (nº 15!) revista de poesia.”

(OLMAR GUTIERREZ DA SILVEIRA, Rio de Janeiro/RJ, natal 1988)

(do livro eletrônico *Repercussão da Revista Dimensão – Correspondência*, outubro 2020)

Indicações

**ACESSO, LEITURA, IMPRESSÃO E
COMPARTILHAMENTO INDIVIDUAIS LIVRES E
GRATUITOS**

LANÇAMENTO!



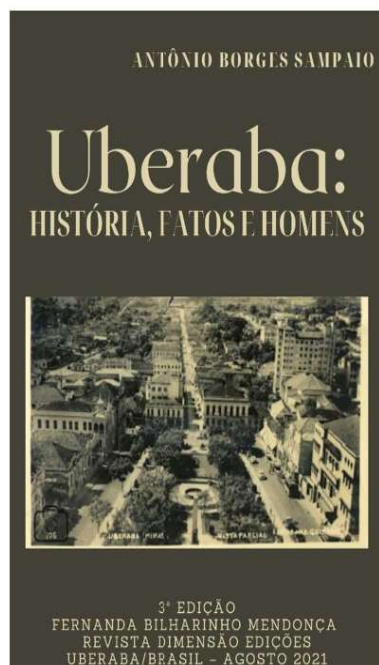
MARCELO PRATA
DIÁRIO DE UBERABA
VOL. II (1889-1925)

EDIÇÃO
REVISTA DIMENSÃO EDIÇÕES
UBERABA/BRASIL - NOVEMBRO 2022

NO BLOG

<https://diariouberabense.blogspot.com/>

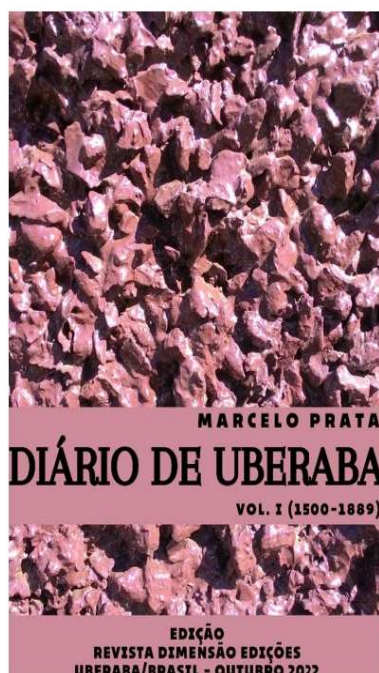
LIVROS ELETRÔNICOS SOBRE UBERABA



NO BLOG
BIBLIOGRAFIA SOBRE UBERABA



NO BLOG
BIBLIOGRAFIA SOBRE UBERABA



NO BLOG
DIÁRIO UBERABENSE



NO BLOG
BIBLIOGRAFIA SOBRE UBERABA

BLOGS CULTURAIS

BLOG EDITORIAL GUIDO BILHARINHO

UM LIVRO POR MÊS (DE SET/2017 A AGO/2022)

62 VOLUMES EDITADOS

LITERATURA – CINEMA – HISTÓRIA DO BRASIL –

TEMAS REGIONAIS – ENSAIOS E ARTIGOS

<http://guidobilharinho.blogspot.com>

DIMENSÃO

Revista Internacional de Poesia

(1980 a 2000)

Coleção Completa - 635 poetas de 31 países

Índices Onomásticos - Repercussão da Revista

<https://revistadepoesiadimensao.blogspot.com.br>

Revista PRIMAX – Arte e Cultura

Edições em Português, Inglês e Espanhol

<https://revistaprimax.blogspot.com>

Revista NEXOS – Estudos Regionais

<https://revistaregionalnexus.blogspot.com>

BIBLIOGRAFIA SOBRE UBERABA

36 Volumes Editados – Diversos Autores

FUNDAÇÃO - EVOLUÇÃO ECONÔMICA - PIONEIRISMO

- HISTÓRIA - ATIVIDADES CULTURAIS - LEGISLAÇÃO

MUNICIPAL - MEIO AMBIENTE - SISTEMA FLUVIAL -

TEATRO – BIBLIOGRAFIA

<https://bibliografiasobreuberaba.blogspot.com.br>

AUTORES UBERABENSES

10 Livros Publicados

POESIA – BIOGRAFIA – ARTIGOS –

ENSAIOS – TEATRO

<https://autoresuberabenses.blogspot.com.br>

DIÁRIO UBERABENSE

Livro *Diário de Uberaba*

de Marcelo Prata

Vol. I (1500-1889) – Vol. II (1889-1925)

<https://diariouberabense.blogspot.com>